

# HISTÓRIAS DABOLHA

No que a gente vinha, ali naquela quadra mesmo, pegando a L2 no sentindo pra retornar lá pra minha casa na 12, tinha um monte de carro do Detran. Nunca tinha visto tanto carro junto. Cheio de cone separando, não sei o quê. E quem tava dirigindo era a Imalaia, minha amiga. Bêbada. Bêbada. Bêbada. Aí ela “Dara, fodeu. Fodeu, que que a gente vai fazer?” eu falei “Eu não bebi nada, daqui que eu dirijo”, esqueci que eu tinha tomado esse gole, né, “ah, então beleza!”.

Paramos na L2, na cara da galera, aí ela não quis descer do carro, só que eu tava lesada, desci do carro, todo mundo viu a movimentação, peguei o volante. Obviamente que a gente foi parada na porra da blitz, né.

Não deu nem tempo de sentir o que tava acontecendo. E aí o cara já desceu com o papinho “Ah, a gente tá fazendo essa revisão, essa blitz, é pra verificar documentação e condição do veículo e também pra fazer o teste do bafômetro pra ver se você por acaso não ingeriu alguma bebida alcoólica. Por favor, o seu documento, a sua habilitação” e aí que, a história verídica mesmo já começa a ficar divertida.

Taynara Prata

# HISTÓRIAS DA BOLHA

Relatos verídicos





**Taynara Prata**

# **HISTÓRIAS DA BOLHA**

**Relatos verídicos**

# **Histórias da bolha**

**Relatos verídicos**

**Taynara Prata**

NASA  
foto da capa

Thiago Lima  
diagramação

# agradecimentos

---

A todas as pessoas  
encantadoras que tive  
o prazer de conhecer



*Todas as histórias são reais*

# ÍNDICE

11 Introdução

---

17 I Joana

---

23 II Ana

---

29 III Angela

---

37 IV Dara

---

45 V Gigante

---

57 VI Liana

---

62 VII Maria Cecília

---

69 VIII Regina

# introdução

---

As pessoas

Olhai à tua volta.

Quantas pessoas especiais você tem deixado passar e partir?

Aquela pessoa passando na calçada poderia ser o grande amor da sua vida;  
aquela outra poderia te dar uma esplêndida amizade; tem aqueles que  
poderiam te auxiliar em tua caminhada, assim como aqueles a quem você  
pudesse estender a mão.

Todos passando, sem um olhar, sem um sorriso, sem um aperto de mão.

(...)

Claro, há aquelas que poderiam te fazer mal, mas há mais pessoas boas do  
que más, neste mundo. Você é uma delas.

O mundo não precisa ser tão frio... e muita felicidade pode ter passado  
muitas vezes ao teu lado, e você nem viu...

Augusto Branco







# Joana

22 ANOS

MUSEÓLOGA (RECÉM FORMADA)

# I Joana

Eu vou contar a história de como eu conheci a minha não namorada. A gente não namora, né, nós temos um relacionamento... Costumamos dizer que somos muito bem resolvidas.

Ok.

Nesse último semestre que eu estive na UnB, eu fiz duas matérias só e uma delas era História da Arte Contemporânea. E aí, no primeiro dia de aula, eu sentei lá, não conhecia ninguém, era a única pessoa de museologia, e a Glenda – que é a minha não namorada – entrou na sala e deu um “bom dia” bem simpático assim, pra todo mundo, e eu não respondi porque pensei “Ah, todo mundo é de artes, todo mundo se conhece e eu sou a estranha aqui”. E ela deu um “bom dia” geral assim e eu não respondi, ninguém respondeu. Eu não falei com ela e tals, mas eu reparei nela. Falei assim “Pô, a bicha é gata, né?!” E aí eu olhei a bolsa dela e fiquei analisando ela assim (ela sentou na minha frente).

Aí, tipo, beleza, toda segunda e quarta a gente tinha aula e toda hora eu ficava olhando pra ela, só que ela tinha uma cara meio de metida assim e não me dava bola não. E eu sou assim, velho, se tu quer eu quero, se não quer, próximo, né? Não vou ficar insistindo. Nem perdendo o meu tempo.



E aí toda aula, tipo, era aula de História da Arte Contemporânea, então o professor passava muita obra no slide e era uma sala escura e naturalmente a turma se dividiu em dois grupos e ela sempre sentava do outro lado.

E aí eu ficava sempre olhando, meio que com aquele clima, assim, até sensual, né, com a luz apagada, e ela nunca olhava de volta. Aí teve uma hora que eu falei “Quer saber? Foda-se!” E a partir de um momento ela sumiu, parou de ir às aulas e eu achei que ela tinha trancado a matéria.

E aí eu encontrei ela por algum acaso no Instagram e comecei a segui-la no Instagram, porque eu vi que ela dançava e tals, e ela maravilhosa, aí eu falei “Ah, vamos ver fotos bonitas todos os dias.”.

Aí ela me seguiu de volta, mas até então tudo bem. Aí ela veio falar comigo no Facebook. Me adicionou no Facebook e veio falar comigo. E eu achei que ela ia perguntar alguma coisa da matéria, e ela começou a puxar assunto comigo.

E a partir de um momento, na conversa, ela falou que ela era lésbica e começou a falar da ex dela, aí eu falei “Tá. Então temos algo aí, né?” E a gente começou a conversar e começou um clima assim, e aí – isso já tava bem no final do semestre – e aí teve um dia, a gente começou a conversar e começou a rolar esse clima e tals, aí um dia – e eu tava me relacionando com outra pessoa, então... assim, não tava namorando, mas tava ficando com outra pessoa e eu não queria me comprometer com ela nesse momento, então tava meio que fugindo dela. Mas teve um dia que ela me chamou pra ir numa aula de dança dela e eu fui. E ela “Pô, a bicha veio aqui, então acho que vai rolar”. Acabou a minha aula e eu fui pra aula dela de bicicleta, propositalmente, pra não entrar no carro dela e poder ir embora sozinha, sacou? Pra não rolar nada, porque eu tava fugindo dela.

E aí ela achou que eu não queria ficar com ela; Esse dia eu fugi, véi, fui mesmo, de com força.

Aí, na outra semana teve a parada gay da UnB - a primeira parada gay da UnB - e a gente saiu da aula - e era depois da aula - e a gente foi juntas pra parada. E acabou que na parada rolou um clima e a gente ficou, assim, eu tentando resistir e não consegui. E na primeira vez que

a gente ficou, ela me disse “Nossa, você apareceu num momento muito bom da minha vida” e eu pensei assim “Esse era o último momento que eu queria que você aparecesse, né”, mas acabou que... Aí eu contei pra ela que tava ficando com outra pessoa e ela achou que não ia dar em nada. Ela falou “Ok, vamos beijar na boca, vamos transar e adeus”.

E eu sabia que eu ia ficar com ela, porque eu sabia que eu ia terminar com aquela outra pessoa em breve e eu tava gostando muito dela.

E aí acabou que, depois que a gente ficou, ela falou que na aula também ficava me olhando e eu ficava “gente, não!” tipo, foram olhares muito, né, não no mesmo momento, assim. Alternados. Então eu achava que ela não dava mole pra mim, ela achava que eu não dava mole pra ela, as duas afim, e acabou que aconteceu no final do semestre. Mas foi ótimo... foi um relacionamento, um romance universitário, que começou na UnB que eu amo, né, e acho que foi... foi muito legal, assim, foi uma história bem gostosa e eu adoro contar ela.

A close-up, profile view of a woman with dark hair, looking down. She has a large, intricate tattoo on her left shoulder and neck area, featuring geometric patterns and a vertical line. Her hand is raised to her hair. The background is dark and out of focus, showing a person in a dark shirt and a blue perforated metal structure.

# Ana

23 ANOS

LICENCIADA

(NÃO SOU UMA PROFESSORA DE INGLÊS)

## II Ana

Eu vou contar a história da coisa mais dramática que já aconteceu na minha vida. Eu tive que fazer muitos anos de terapia por causa disso.

Eu me formei no ensino médio em 2009, aí em 2010 eu fui estudar matemática na Ufscar, aí no primeiro semestre eu percebi já que não era aquilo que eu queria e eu decidi fazer um intercâmbio. E eu fui pra Londres e eu ia passar um ano lá, só que eu acho que eu fiquei meio deprimida porque eu tava longe de todo mundo... ninguém além da minha família sabia que eu tava em Londres; eu não tinha contado pros meus amigos e tals porque eu meio que queria fazer surpresa, mas eu acabei não contando, não contando... Sabe? Aí tá.

Em Londres era foda porque eu era muito sozinha lá, sacou? Eu morava do lado da universidade e eu tava fazendo Matemática lá também, porque era a única coisa que eu tinha conseguido. Então tipo, eu já não queria fazer Matemática, já não conhecia ninguém lá, o pessoal de lá, realmente assim, é meio foda de fazer amizade, aí.... Mas eu conheci um cara. O James .Não tem nome mais inglês que isso, né?

Aí a gente meio que começou a namorar. Na verdade, até hoje eu não sei se a gente namorou ou não porque eles têm uns costumes muitos estranhos, mas pra mim eu acho que a gente tava namorando porque eu conheci a mãe dele, eu dormia na casa dele, porque eu não



queria ficar sozinha no meu dormitório, aí eu dormia na casa dele e a mãe dele, ela era revisora de livro de culinária, então ela cozinhava muito bem! E eu acordava com cheirinho de muffin todo dia.

Aí eu decidi, foi chegando o final do semestre e eu decidi que eu não queria mais ficar lá; tipo, foi chegando Natal e Ano Novo e eu ia voltar por Brasil de qualquer jeito pra passar o Natal junto com a minha família e aí quando tava chegando perto eu falei pra ele “Olha, eu acho que eu não vou mais voltar pra cá, eu quero ficar no Brasil mesmo, eu tô muito em crise aqui, eu tô ficando depressiva, engordando... não tá massa, sacou?” e ele ficou de boa, assim, entendeu? Aí eu “Então tá”.

Aí no dia que eu peguei o voo pro Brasil, que foi tipo, dia 23 de dezembro, ele, tipo, começou a me ligar e tals, mas eu tava no voo, então meu celular tava desligado. Aí quando eu cheguei no Brasil eu vi que ele tinha me ligado, mandado um monte de mensagem, ele disse que não podia viver sem mim, que ele tava pensando em se matar, blá blá blá, um monte de coisa assim.

Aí, eu super preocupada, liguei pra ele e tal, ele não atendeu, aí eu liguei pra casa dele, aí a mãe dele atendeu, ela começou a gritar comigo, falou que era tudo culpa minha, e eu, tipo, sem entender porra nenhuma, aí ela me fala... que ele tinha tentado se matar, enquanto eu tava no voo pro Brasil, tipo, sabendo de porra nenhuma...

Tipo, eu não sei como ela conseguiu, acho que ela foi na faculdade e conseguiu meu telefone, tipo, de casa, fixo e meu e-mail. O meu e-mail eu já mudei, ela ficava mandando e-mails super longos falando como tudo era minha culpa, que ele vai ficar com sequela, porque sei lá o quê...

O que ele fez?

Ele tentou se enforcar, só que aí, tipo, ele meio que ficou que um tempo sem oxigênio - oxigenação do cérebro... assim, eu não sei se ele ficou com.... eu nunca mais encontrei ele, sacou? Só que assim, eu fiquei muito tempo com ela me mandando essa porra desses e-mails e me ligando lá em casa, aí meus pais, tipo, atendiam, eles ligavam pra mim, saca, e fazendo terapia, achando que era minha culpa mesmo, porque, véi, ele pareceu de boa quando eu disse que ia voltar pro

Brasil, que não dava mais e tal, e aí, tipo, do nada, ele faz isso, sacou?  
Aí foi... Aí eu fiz muitos anos de terapia... e é.

A photograph of three glasses of beer on a table. The glass in the center is the most prominent, showing a golden beer with a thick head of white foam. To its left is another glass, and to its right is a third, slightly out of focus. In the background, a red Coca-Cola can is visible. The overall lighting is warm and slightly dim, suggesting an indoor setting like a bar or restaurant.

# Angela

ESTUDANTE DE INTERCÂMBIO  
DE SERVIÇO SOCIAL  
22 ANOS

## III Angela

No início, quando cheguei aqui em Brasília, eu não conhecia quase ninguém e porque também tinha poucas aulas e à noite, então as pessoas da aula eram gente boa, mas saíam e ia pra casa porque era de noite.

Então, uma vez fui ao médico e era longe de onde eu morava e tava chovendo muito. Então vi.. perto da parada de ônibus um guarda-chuva que alguém tinha abandonado porque tava muito ruim e o peguei e arrumei, também porque pensei em me fazer um guarda-chuva, mas de corpo, sabe? E nisso vinha um menino, um pouco mais velho que eu, muito pouco, não me recordo da idade, mas um pouco mais velho que eu, e me falou “Ai, porque tá pegando isso?” e eu falei “Porque vou fazer um vestido com isso” e então, com tanta chuva, demorou o ônibus e começamos a conversar, voltamos juntos para a rodoviária e na rodoviária fomos fumar juntos um cigarro e isso, e estávamos conversando e ele me falou que... uhn... dentro de um tempo ia com uma galera em uma excursão para a Chapada.

E eu, como não conhecia ninguém pra ir, não conhecia a Chapada e tinha muita vontade, virei e falei pra ele “Ai, vou com vocês!” e ele me meteu no grupo, mas o whatsapp eu não utilizo muito. E o que ac-



aconteceu, que todo mundo lá a falar, falando, falando, mas eu nunca olhava nem sabia como que a gente ia, se as pessoas se conheciam ou não, e o dia chegou e eu fui com eles e fomos em dois carros, em dois micro-ônibus, dois ônibus pequenos. E todo mundo já se conhecia de antes, então o que que aconteceu: que, no início, tudo tranquilo, todo mundo cantando e eu tava lá, bem, mas chegou um momento que eu senti que as pessoas tavam com um pouco de preconceito, não sei, alguma coisa, e começaram a falar sobre mim, mas sem meu nome, fazendo-me sentir ruim, sabe? Incomodada assim....E.... o tempo todo brincando, mas pra eu sentir-me ruim. Então eu recordo que já antes de chegar na primeira cachoeira, eu sentir esse incômodo, porque tava todo mundo no meio de amigos e eu tava sozinha, então já chorei, antes de chegar na primeira cachoeira já chorei, porque não podia acreditar e também meu problema, que eu só compreendi depois e disso, que eu mais ou menos fui vendo sempre é que, quando eu sinto um ataque a mim, em vez de responder, de me impor e ocupar espaço, eu o que fiz? Me ponho pequena e fecho mais ainda a boca, sabe?

Então, todo os dias assim, o povo brincando comigo, fazendo eu me sentir ruim... Essa noite, recordo que nem saí, as pessoas saíram mas eu não. Também eles foram num bar assim, que não era muito tranquilo, não? Então, essa noite eu recordo que queria dormir e além disso, estava compartilhando a barraca com as meninas que tavam me fazendo sentir mais ruim. Elas eram mais velhas, irmã, prima, dessa menina e essa menina foi a primeira a me fazer sentir assim.

Não recordo a palavra exata, mas o incômodo sempre... E recordo que pensei que se fosse dormir isso ia desaparecer, ia-se embora. Mas quando acordei pela manhã, elas continuaram com esse jogo, essa energia de me fazer sentir ruim e lembro que, já pela manhã, também chorei. Me sentia tão ruim e minha energia foi baixando, isso foi liquidando minha energia e... depois desse dia, brincavam também de fazer-me sentir medo. E... recordo que naquela noite, sábado havia uma festa muito bonita lá na Chapada, mas recordo que saí do camping e que me sentia que não tinha energia e voltei

da festa, fiquei sozinha sentada na porta do camping, que era um pouquinho mais perto. Eu estava como um zumbi, tava sem energia, tava muito ruim, nunca mais aconteceu coisa do tipo e recordo que... que no dia seguinte me chamaram para ir no Bar da Lua, mas lembro que no começo do dia já comecei a sentir que... quando entramos no ônibus, começou essa energia e falei para o homem, eu disse “Pare o ônibus, que eu vou descer aqui, não vou seguir” e ficaram brincando que iam me jogar pedra abaixo, que não sei o quê, sabe? Fazendo eu me sentir medo, fazendo me sentir ruim e... ficaram “Oh, não vá embora”, mas continuaram com a energia e falei pro homem, eu disse “Tenho muita vontade de ver o Vale da Lua, mas para, que não vou. Não aguento! Não aguento que me façam sentir medo e incômodo”, não?

Então desci. E eu recordo tá no bar e fui com as pessoas do outro ônibus, que era mais jovens, mas todos eram amigos. E quando cheguei com as outras pessoas, eu não era capaz... não olhava pra ninguém e todo mundo já me olhava de lado, sabe? E eu sentia medo, tava muito ruim e... me lembro da noite de antes, não sei bem o que aconteceu, mas tava no chuveiro e não sei, quando saí do banho e fui falar com uma menina mais tranquila que eu vi, reclamei pra ela que tinha medo e as pessoas escutaram, como o camping era pequeno e fomos de ônibus, todas as pessoas no camping estavam juntas. Mesmo quando tava dentro da barraca, eu sentia que todo mundo estava brincando sobre mim, sabe? Então... eu senti muito medo. E lembro que tava sentando com uma mulher que era mais velha, a mais dominante e foi quando no ônibus, não sei que comentário falei, mas o menino que me convidou perdeu uma bolsa, então todo mundo colocou a culpa em mim e todo mundo pensava que eu havia pegado a bolsa dele.

Eu tava na barraca com as amigas dele, aonde teria colocado a bolsa? E desde aquele dia me julgaram de ladra, dizendo “Ah, meu celular sumiu” e me olhavam, me fazendo sentir incômoda demais. E o que aconteceu: que essa mulher ficava com uma posição imponente, sabe? Para que eu sentisse medo e falou uma menina, que

eu não sabia quem era “Ela veio de fora e não sabe como acontecem aqui as coisas”, que não sei o quê. E como falando que ia fazer coisas comigo no caminho. E o tempo todo se impondo assim, com o corpo, sabe? Com uma atitude... no momento me parecia que eu estava na prisão, sabe o que eu digo? Como uma mulher que era a abelha e estava acima de todas... sobre tudo, porque eu vinha de outra cidade. Me deu muito, muito medo.

E eu não era capaz de voltar pro ônibus com as mesmas pessoas, e falei pro menino, que ela tinha me feito sentir medo e incômodo primeiro e ele sempre vinha com a desculpa que sua namorada estava com ciúmes de mim. Mas eu lhe falava “Isso não é ciúme, porque como faz eu me sentir como se eu tivesse roubado?”.

Não sei, pelo que aconteceu no bar e no camping, era um jogo, sabe? Um jogo. E foi a pior experiência da minha vida! E depois, na volta, encontrei com um menino mais jovem, assim, mais da minha idade, mas o que aconteceu, a menina sentou perto e disse que tinha perdido a carteira. Mas assim, acho que não era verdade, só para fazer-me sentir incômoda e eu falei pra ela “Procura a carteira, porque eu não quero que digam que eu peguei ela”. Para que falei isso? Ela sentou com uma cara e começaram a colar uma música “Abaixa a cabeça” não sei o que, não sei que lá, e me olhavam assim... O medo que eu senti! E o homem que estava dirigindo ficava me vigiando pelo rádio, pelo reflexo, me olhava diretamente.

E o menino do lado, ele também. Todo mundo olhava cada movimento meu. Quanto mais preconceito, mais coisas me faziam, meu corpo reagia sempre; era mentira tudo! Mas meu corpo sempre reagia. E ficavam falando o tempo todo “Olha como ela tá reagindo por medo”, como se confirmando tudo.

E também começaram a brincar que iam me jogar no chão, que iam me sequestrar e eu já com a pressão baixa, com essa energia ao redor. E as pessoas da frente ficavam me olhando, assim, pra trás.

Nunca senti tanto medo! E depois o que aconteceu é que depois dessa viagem, fiquei uma semana, sozinha na minha casa, na minha cama, com medo de que iam me sequestrar. Me fizeram sentir tanto

medo, que fiquei depois uma semana com medo. Isso aconteceu logo que cheguei no Brasil e foi um acontecimento muito impactante pra mim, que me fez fechar-me muito mais. Fiquei assim um mês ou dois, indo só pra aula.

E depois de tudo, quando chegamos, o menino tinha esquecido a bolsa em casa. Ele deu falta e tinha certeza que tinha levado. E recordo que um amigo foi me pegar, porque fiquei muito nervosa. Ele me pediu explicação “Por que cê tá nervosa, por quê?” e eu pensei que iam me sequestrar de verdade, que não ia conseguir falar com ele, que ia chegar e ficar procurando-me. E depois que fui com ele, me pedindo explicação, porque tava assim... e eu tava sem energia, completamente. Não era capaz de argumentar, eram só emoções, sabe? E que também, quando eu disse que me chamaram de ladra e ainda não tinha aparecido a bolsa do menino, ele também me julgou de ladra. Se basearam na minha reação, porque não era capaz de me articular, de me defender. Ninguém acreditava em mim porque não era capaz... então isso foi uma experiência tão ruim que me aconteceu; não posso acreditar que... É verdade que é melhor ir com pessoas que não se conhecem; eu pensei que não se conheciam, que se encontraram e foram, mas era um grupo que se conheciam. Como eu tinha acabado de chegar, achavam que eu não dominava o idioma, então falavam coisas e achavam que eu não entendia. Mas eu compreendia tudo.



# Dara

(PROS ÍNTIMOS)

(Ainda, graças a Deus) 29 ANOS

Burocrata de produções culturais dentro de uma instituição financeira

## IV Dara

Ontem eu tive a festa de Xangô lá no centro, né, e como uma boa macumbeira, eu cuido das relações espirituais, então é um dia que eu não bebo, não fumo, não faço nada. Só mesmo mentalizo, tomo meus banhos espirituais, rumo ao centro e depois o que acontece ali, normalmente, é ir pra casa refletir sobre as impressões, meu amadurecimento.

E aí o pessoal do centro, uma galerinha, pouca gente, me convidou pra, logo depois que a gente saísse de lá, pra gente tomar, tomar não (risos), pra gente comer uma pizza. Inclusive o pessoal de lá respeita muito essa ideia, né, de não beber, eles são muito... muito diferentes, outro grupo de amigos. E a gente foi comer essa tal dessa pizza. E aí eles perguntaram pela Molho de Tomate, eu já “Ah, beleza, tem uma Molho de Tomate ali na nove, quem sabe eu não encontro alguém por ali e a noite continua?” enfim, com aquela canalhice da Dara, né? Enfim.

Aí beleza, fomos pra uma pizzaria ali, na verdade acabamos não indo na Molho de Tomate, fomos pra outra, que é ali do lado do Bar Aleatório, um bar novo, não sei se você já viu, é um bar muito bacana. Obviamente que, passei pelo bar e logo vi três mesas com gente conhecida e eu “Oba! Daqui a pouco, depois da pizza, eu vou dar

uma passada por aqui”. E foi o que eu fiz. Terminamos a pizza, desci pro bar – ele fica no subsolo – e aí cumprimentei a galera, conversei e “Ah, vamo lá, vou pegar uma cerveja pra você” e eu “Não, não vou beber hoje, vim só curtir”.

As pessoas ficaram chocadas, eu? Não vou beber? Mas eu tava mesmo na pegada de chegar cedo em casa e ficar tranquila. E aí a gente ficou lá cerca de uma hora, uma hora e pouca ainda, conversando, no finzinho, assim, faltando cinco minutos pra gente decidir ir embora, o dono do bar — que é nosso amigo — perguntou se a gente não queria um drink, que ele ia mandar o cozinheiro fazer. Eu “Ah, beleza, traz aí né”, era um tal de um drink de manga com wasabi, muito doido. Aquele negócio verde que você põe nas comidas japonesas, que é ardido pra caralho, mas é uma bebida deliciosa. Tomei um gole só daquilo — ela tinha vodka, muita vodka — mas eu falei “Não, hoje eu não tô no meu dia mesmo de tomar essa parada” e fomos embora, tô sem meu carro ainda, então eu ia de carona. Uma amiga tava me levando e ali na nove pegamos a L2.

No que a gente vinha, ali naquela quadra mesmo, pegando a L2 no sentindo pra retornar lá pra minha casa na 12, tinha um monte de carro do Detran. Nunca tinha visto tanto carro junto. Cheio de cone separando, não sei o quê. E quem tava dirigindo era a Imalaia, minha amiga. Bêbada. Bêbada. Bêbada. Aí ela “Dara, fodeu. Fodeu, que que a gente vai fazer?” eu falei “Eu não bebi nada, daqui que eu dirijo”, esqueci que eu tinha tomado esse gole, né, “ah, então beleza!”.

Paramos na L2, na cara da galera, aí ela não quis descer do carro, só que eu tava lesada, desci do carro, todo mundo viu a movimentação, peguei o volante. Obviamente que a gente foi parada na porra da blitz, né.

Não deu nem tempo de sentir o que tava acontecendo. E aí o cara já desceu com o papinho “Ah, a gente tá fazendo essa revisão, essa blitz, é pra verificar documentação e condição do veículo e também pra fazer o teste do bafômetro pra ver se você por acaso não ingeriu alguma bebida alcóolica. Por favor, o seu documento, a sua habilitação” e aí que, a história verídica mesmo já começa a ficar divertida.

Você se depara diante de um representante quase que do Estado pra julgar o que você pode e o que você não pode dirigindo. E ele “É né, minhas senhoras, não sei se vocês sabem, acredito que sim, mas a gente não pode ingerir bebida alcóolica de acordo com a Lei tal e tal, o Decreto de não sei o quê”, ele tinha um discurso prontinho. “E no final, na nossa operação, o principal mesmo é realizar o teste alcóolico pra ver o quanto você ingeriu de álcool. A senhora ingeriu alguma bebida alcóolica?” eu falei “Não, nada”

“A senhora realizaria esse teste?”

“Sim, sem problema.” Com um pouquinho de medo, claro, eu tinha acabado de tomar um gole, mas, hoje em dia qualquer besteira pega e ele falou assim:

“Olha, antes da senhora realizar, eu gostaria de salientar que, por lei, você não é obrigada. Você pode deixar isso pra lá (não com essas palavras, ele era muito formal), você pode não realizar, só que... isso já vai consistir em uma punição administrativa pra você. Vai gerar pelo menos x de multa e aí se por acaso eu decidir que você vai realizar porque eu acredito que você está embriagada, aí já gera um outro nível de punição, enfim, no resumo da obra pode ser que o carro seja aprisionado e você também e a fiança e de nove mil reais. Sabe que... é difícil sacar esse dinheiro agora, né? Pode ser que você passe a noite na cadeia. Vou te perguntar de novo, senhora, a senhora ingeriu alguma bebida alcóolica?”.

“Olha moço”, eu respondendo, “Pra ser sincera, bebi sim. Eu acabei de voltar do centro de umbanda, não sei se o senhor conhece, e lá a gente tem alguns rituais que a gente ingere bebida alcóolica. O senhor conhece a Umbanda?”

“Não, não tenho familiaridade não.”

“Pois é, a gente bebe. A gente bebe whiskey, bebe cachaça. No caso, o que eu tomei foi um pouco de cachaça, curtida com canela e tudo mais. Foi um golinho, uma dose pequena, mas eu tenho receio de que isso possa pegar no teste, tô sendo super sincera contigo. Acho até que a gente pode conversar, cê deve tá vendo pela minha cara e eu tô com toda a minha roupa aqui dentro do carro.”



Aí ele “Mas... qualquer quantidade vai pegar no bafômetro”.

“Tá. Já que eu não tenho outra escolha, cê não tá me dando outra opção, vou realizar o teste sim, mas se alguma coisa der, a gente vai ter que argumentar, inclusive no lado espiritual, porque alguma coisa tem que ser feita. Afinal, não posso mais beber? E inclusive, o carro não é nem meu, é da minha amiga e ela responsavelmente, alcoolizada, me ligou — porque a gente mora junto — pedindo pra que eu saísse do centro e fosse buscá-la porque ela tava com medo de fazer alguma besteira no trânsito. Lá em casa a gente conversa muito sobre isso. Então eu fui, fui buscar, o pessoal me deu carona, eu fui até o local, e tô aqui, vamo vê, tô pronta pra realizar seu teste.”

E aí, pra piorar a situação, eu tive que fazer o teste três vezes porque eu não conseguia assoprar, não tinha força pra assoprar, tava tremendo já de medo de qualquer merda acontecer. E ele brigando comigo “Seu sopro tem que ser forte e constante” Forte e constante. Até que na terceira vez, eu soprei com toda a minha força “Agora vai, esse negócio e não vai acontecer nada”.

E aí, por fim, ele analisando ali, né, o aparelho fica um tempinho processando, quando terminou ele me olhou com uma frustração, tipo, “Deu 0,0%”. E eu só respondi assim “Como eu previa, eu te avisei”.

Ele ficou bem puto comigo, devolveu meu documento, voltou pro carro e analisou tudo que tinha de seta, de porta mala, de placa, de tudo mais e ele concluiu com “Eu só queria terminar dizendo que vocês pararam um tempo antes da blitz, né, e a sua atitude poderia ser considerada suspeita.”

“Não, seu guarda, na verdade é que a gente é muito responsável mesmo e como é a primeira vez que eu to dirigindo o carro dela, ela pediu pra eu conferir todas as funções antes de chegar aqui, pra não passar vergonha, né? Espero que tenhamos realizado a contento, que no fim aqui ninguém é criança não, ninguém vai sacanear com a Lei, tenha uma boa noite e um ótimo trabalho”.



# Gigante

25 ANOS

ENGENHEIRO CIVIL

# V Gigante

To contando aqui a história, uma história muito pesada, uma história difícil, uma história de luta, de batalha...

Vou começar de novo.

O que que acontece? Estava eu, no meu ensaio, quando a minha namorada me liga e fala “Amor, por que que você... não vai dormir comigo?”, aí eu falei “Tudo bem, eu durmo com você”, aí o que acontece... Saio do meu ensaio, dez horas da noite, que é o padrão, peguei meu carro e fui andando. Quando cheguei no meio do caminho, eu liguei pra ela assim “Amor, tô chegando”, ela falou “Olha, eu ainda estou presa na chácara”, longe pra caralho que eu não sei onde é, ela tava num aniversário de uma amiga dela, parece, de x anos. Né 15 anos não, não era um aniversário chique não. Mas ela aniversário dela, bom, aí ela falou “Não, pô, eu vou chegá depois de você, eu acho, então faz o seguinte: abre o portão, que você sabe abrir lá no manual e entra”. Beleza.

Aí eu tava indo. O problema é que ela mora na Arniqueira, então o que que acontece... Arniqueira, ela é um lugar meio cabrito. Quando você faz o balão, que cê vira assim, cê já ouve um “Béééé” (baruho de cabra) lá no fundo. Cê vem virando e “Béééé’”, não é, não é o pneu, é o cabra mêmo que tá cabritando no esquema.

Então o que que acontece. A rua é escura. O lugar é escuro, não é bem pavimentando, o pavimento é meio cagado, ele é rodeado de terreno baldio, onde traficantes podem se – se eu fosse traficante de órgãos, o que eu não sô, porque eu sô engenheiro civil, se eu fosse traficante de órgãos, o que eu não sô, eu ficaria escondido naquele lugar pra pegá o pião que tá chegando no HRV branco, entendeu? Quando chegasse o cara no HRV branco, eu ia olhá assim e falar “Cara, aquele perdeu. Que esse portão tá fechado e ele não é morador”.

E aí que que aconteceu. Tava eu chegando no HRV branco, olhando pros lado igual um pateta, paaá, esse lugar tranquilo, bem escuro, onde as pessoas podem se esconder (risos), cheguei no portão, vou abrir o portão: o portão não dava pra abrir. Tava no cadeado.

Aí eu liguei de volta. Numa tranquilidade, numa caaalma. Fazendo meu iôga

“Amor”

Ela “Oi”

“Portão tá trancado. Só que amor, você tem que saber”, o que que acontece, eu tinha acabado de voltar de uma viagem que eu tava com a minha família. Numa viagem onde eu perdi minha carteira. Então eu tava sem dinheiro e sem documento. Eu tinha perdido meus documentos.

Então que que acontece, como eu tava sem documento, sem documento do carro e sem sem... sem... sem cartão, sem dinheiro, eu não tinha, velho, como saí pra um lugar e falá assim “Pô, eu vou pará num barzinho ali, esperar ela no barzinho, porque no barzinho o que que acontece. Eu tô ali bebendo, o cara vai me confundi com um pião qualquer e não vai ligar o HRV a mim, não é possível. Vai me confundi com um piãozinho qualquer e dizê lá: ‘Não, o cara tá bebendo ali, ele pediu uma cerveja bem fudida assim, ó.’ Eu ia pedir uma, uma... Brhama. Brhama o quê. Brhama é top, eu ia pedir uma Skin! “Amigo, me desce uma Skin aí por favor? Não, quente! Quente, que hoje eu tô num dia bom!”.

Aí eu ia pedir uma Skin e ia ficar tomando. Não tinha dinheiro. Se eu parasse na frente do bar sem dinheiro, o pião ia olhá e fala assim

“Você está utilizando o meu estacionamento”, aí eu falei “Tenho uma ideia genial; vou ali pra Águas Claras, onde eu vou me proteger. Só que eu estava sem carteira e era um dia de sexta-feir...sábado. Sábado de noite. Todos os bares pipocando, as blitz iam tá por todo lado, o policial ia virá pra mim “Cidadão, pretinho desse jeito no HRV, deve ter roubado esse carro. Por que você não vem aqui conversar comigo?” Aí eu falei “Hoje eu tô fudido. Hoje é o dia que Deus tirou pra me fudê... Então eu vou aceitá.”

Aí ela ligou e falou assim “Ó, não tem o que fazer. Vou chegar aí em dez minutos”. Sem sacanagem, eu olhei pro relógio “Onde. Você. tá?”

“Ah, amor, eu tô aqui no meio da sei lá aonde”, enfim, ia demorar uns vinte minuto pra ela chegá lá onde eu tava.

Eu olhei pro celular e falei assim “Ela tá de carona. Ela ainda vai batê na casa da menina que deu carona pra ela, pra depois disso ela pegar o carro pra vim me encontrar”. Eu olhei pro relógio, cara, eu acho que era dez... e vinte. Olhei pra ela e falei assim “Cê vai chegar aqui onze e meia, né?”, daí ela falou “O que é iiiisso? Loooonge de mim! Nuuuunca faria isso com você!”

“Eu entendi, amor. Tô te esperando”.

Aí tá. Dei a ré no carro, olhei pro lado, olhei pro outro, naquele boqueirão do caralho que eu já expliquei, falei assim “eu vou ser engolido. Hoje é o dia que eu me fudi”. Aí eu virei e falei assim “bicho, eu não vou ficá dentro do carro, porque dentro do carro nego vai me engolir”. Eu peguei, tranquei o carro, deixei o carro bem no cantinho, tipo escondido embaixo de umas arvorezinhas assim, tipo, pra nego não sabê que era um HRV, olhá e falá assim “não, é um Honda, às vezes não é um HRV, é um Hondinha... vou deixá ele aí no cantinho e vou sair andando nessa na rua aqui. Fingi que eu tô, sei lá, sou do condomínio, sei lá.”.

Aí eu fechei o carro — mano, se eu ficasse dentro daquele carro eu tava fudido — fechei o carro, vim andando numa rua que tinha assim uns postes, tinha até dois poste de iluminação, aí eu vi um condomínio aberto, bicho, aí na hora que eu vi esse condomínio eu

falei assim “eu vou ficar aqui do lado. Se chegá um trombadinha, eu ando pro condomínio fingindo que eu sô morador, me escondo no escurinho ali, tô protegido, o HRV tá lá largado, quero que se foda, se nego for explodir aquela porra eu não tô dentro, foda-se e vô deixá lá e vô ficá aqui.” Aí fiquei.

Tinha um condomínio aberto, andei pro lado, aí eu chegava perto da rua que era menos cabrita do que a rua dela, eu fui andando até o final da rua, né. Aí eu cheguei lá perto da rua, falei assim, “pô, pelo menos aqui passa dois carro por hora. A rua dela passa... um carro a cada cinco horas.. por exemplo, o meu. Que tava lá parado.” Aí eu falei “pô, beleza, vou ficá aqui andando mais ou menos por aqui, tô perto desse condomínio aberto, se eu vê alguém esquisito, eu ando pro condomínio, me escondo lá dentro, finjo que eu tô indo pra minha casa, se o cara for me engolir, eu já me escondo no escuro ali, já saio pf... tranquilo”.

E aí eu fico rodando, se acontecer isso eu fico rodando no balão lá assim. O dia todo. Aí beleza, fiquei lá esse tempo todo. Quando deu onze — tô eu andando e andando assim, né, olha prum lado, olha pro outro, olha prum lado, olha pro outro, olha pra frente, olha pra trás, olha prum lado, olha pro outro, olha prum lado, olha pro out... cara tem um carro vindo, já ficava meio assim... olha prum lado, olha pro outro...

Quando dá que horas? Onze e meia... me vem quebrando um carro assim com uma pessoa que eu conheço. Que era a amiga dela, que era o carro da amiga dela que ela dividiu carona. Aí eu falei assim “pô, ela tá chegando...” fingi que não vi, virei de costa, tô de boa assim, né. Vô fingir que não vi, que ela chega assim “amor, nossa amor, meu deus, você está passando esse risco, desculpa ter atrasado tanto....” aí eu falei “tudo bem”, e passei uma, ó, eu passei essa hora inteira me preparando psicologicamente “não, relaxa, ela tava de carona, ela vai chegar aqui, ela vai falá “poxa, amor, desculpa, não tinha como controlar”, ela vai dar uma desculpa louca, eu vô virá “tá tudo certo, tá tudo bem, eu sobrevivi. Tô beleza”. Uma hora de trabalho...

Aí ela vem chegando e eu “meu trabalho vai se concretizá, ela vai falar isso e eu vô fica de boa, de boa, tranquilo, numa ó, vou chegar

lá embaixo vou dormir com ela, vai ser...”. Aí vem me quebrando o carro, aí o carro para do meu lado, já esperava, afinal de contas... Me desce o vidro do banco de trás e eu vejo a Luiza. Aí eu “agora vem a desculpa, eu já falo tá tudo beleza”. Ela “VOCÊ É LOUCO?”.

... Eu olhei pra cara daquela menina, eu olhei “va ga bunda, filha. da. puta! Eu tô aqui há uma hora tentando descagar a cagada que você fez dentro da minha cabeça. Eu tô me CONVENCENDO de que o errado fui eu porque eu cheguei cedo. E você vem me chamar de louco? Mermão, qual era a outra opção que eu tinha? Sem dinheiro, sem documento do carro, sem, ééé, carteira de motorista... Eu não tinha o que fazê, velho. Ou eu ficava aqui, ou eu ficava aqui. Era o que eu podia fazer. Ou eu dava o calote no bar. Cê acha que eu ia lá no bar dar calote? Era o que eu podia fazer, mas tudo bem”. Na hora que veio “você é louco”, ela estava rodeada de todas as amiguinha deela, a mãe da amiga dela. O que que eu fiz? Engoli forte. Cara, desceu qua...desceu uma skol quente. Mermão, desceu... cara, aquele você é louco, eu acho que nunca engoli um trem tão pesado igual quanto aquele você é louco. Aí eu falei “sô não. Não sou louco”.

Aí pra completá, a mãe da amiguinha dela desce o vidro e fala “nossa, rapaz, você é corajoso ein?!”. Bicho... uuuh... “ô tia, eu sô sim. Sô corajoso pá carái. Tô aqui dando esse mole e nem sabia. Nesse lugar escuro da porra, onde nego tá querendo roubá meu rim. Tudo bem que não funciona, mas é o meu rim... Nego tá querendo roubá meu rim e você acha que eu não tô ciente. Cê acha que eu não tô aqui, cagando e mijando... me me me minha tia, eu já tô com as calça tudo molhada entre as perna aqui, minha tia, já tá ardendo. Corajoso pra caralho. Aí o que que eu respondi pra ela “poxa, tia, não sabia não, desculpa aí, eu não sabia que esse lugar era assim”. “Não menino, é que esse lugar é muito perigoso, você não consegue vê em volta?” Um boqueirão do caralho daquele, a boca de fumo perfeita, eu não tô vendo não, tudo bem. “Não tia, não sabia não”.

Aí a Luiza desceu do carro, aí a gente foi pro HRV que tava lá escondido no meio dos bambu lá, liguei o carro, ela abriu o portão. Ela “amor, você tá bem?” “Tô ótimo”. Vim descendo no carro. “Você



não tá bem, você não tá bem, você não tá bem”. Eu acho que o caminho durava uns cem metros, sem sacanagem. Esses cem metros eu olhei pra ela, virei e falei assim “me responde se você taria bem se você tivesse há uma hora esperando o atraso dos outros, sem dinheiro, sem documento, sem podê fazê nada. Aí você pega, faz a melhor coisa que você pode que é: não ficar parado dentro dum carro pra não ser engolido pelos cara porque.. assalto dentro de carro é o que mais acontece, fica do lado dum condomínio aberto pra você podê tê pra onde correr e aí a pessoa que você tá esperando que te cagou, vira e te fala assim “você é retardado?”. Ai você ia se sentir bem pra caralho, né?! Você ia achar “porra que massa! Nossa! Eu devo ser um retardado muito top pra tá muito feliz aqui. Feliz pra caraalho! Porque na hora que você tá ali, tentando não ser engolido pelos traficantes que tão querendo roubar seu rim que não funciona, neguim tá chegando dentro dum carrinho top, andando na BR, perguntando se você é louco. Deve sê ótimo, Luiza. Eu tô, eu tô bem pra caralho”.

Aí ela calou a boca. Até o caminho terminar. Eu tava tão pilhado, eu tava tão PILHADO que na hora que eu cheguei lá na casa dela, que ela abriu a porta... Ela tem dois cachorros... eles são maltês. Maltês é uma raça de cachorro desgraçada, que adora latir. E eu adoro barulho. Então combinou uma coisa com a outra do dia que eu tava bem, que na hora que ela abriu a PORRA da porta, o cachorro começou a lati igual um filha da puta e não era um, eram dois. “Au au au, au au au, au au au au au au au, me dê atenção, au au au au au”. Sem sacanagem. Na hora que bateu uns quatro au au au au au”, eu olhei pro lado dele com olhar assassino. “CALA A BOCA, PORRA! CALA A PORRA DA BOCA!”.

Bicho, sem sacanagem, se aquele cachorro tinha orelha, ela sumiu. Porque a orelha veio no pé, o rabo veio no cu e os dois cachorro... desse jeito assim, paralisado. Aí a fêmea, que é mais filho da puta — eu odeio a fêmea, cachorra FILHA DA PUTA — ela “au” “CALA A BOCA”, cara aqueles cachorro tomaram uns quatro grito desse. Bicho, eu acho que eles passaram a noite todinha sem fazê um barulho.

Porque eu subi, porque depois, aí eu fiz isso, né... O que que

acontece... eu tava tendo uma conversa com a Luiza um dia... e ela me falô.. que quando a gente grita com as pessoas, é porque o nosso coração tá distante da pessoa. E aí quer dizer que a gente não consegue falar com as pessoas igual gente, igual... civilizado, assim, e a gente tem tanta raiva da pessoa, que a gente começa a gritá pra vê se a pessoa escuta a gente. É uma súplica que a gente tá fazendo, entende? Foi bonito... foi muito bonito o que ela falou, vai se fudê, foi muito bonito.

E eu não gritei com ela. Eu falei assim “eu não vô gritá com ela. Eu não vô gritá com ela porque o meu coração não tá afastado dela” e na hora que o cachorro começou a lati não deu. Eu falei assim “bicho, o cachorro não tem culpa de nada, mas ele que vai se fudê hoje”. Bicho, eu dei um grito naqueles cachorro que eu acho que ele.. ele deve tê mijado a porra da cozinha inteira, que eles ficam presos na cozinha. A coisa escrota, mas eles ficam presos na cozinha. Apesar deu achar que bicho não devia tá na cozinha. Mas tudo bem. Não é a minha casa.

É... aí beleza. Eu dei um grito naqueles cachorro, véi, que os cachorro ficaram assim.. eles eram desse tamanho, eles ficaram desse. E eles ficaram calados. Eu subi pra toma banho, putão, furioso.. “dá lá a porra da toalha. Vá se lavar. Hoje vai tê rola, porque depois do que você fez comigo se não tiver rola cê tá fudida”. Já botei a toalha no ombro aqui, entrei no banheiro, tô tomando meu banho, num lugar que não tem água, porque ainda tem essa porra, na hora que você liga a porra do chuveiro, pinga... Depois de muito tempo eu descobri que se eu tomar banho com a mangueirinha, é top. Cê não tá entendendo não.. o chuveiro é cagado, acho que ele é entupido.

Aí fui toma meu banho, putão, tomando meu banho, não ouvi um latido. Nem um choro. Cara, acho que os cachorro tavam com tanto medo quem nem chorá não tavam chorando. Aí beleza... tomei meu banho, dei aquela relaxada e tal... aí eu desci, aí ela tava na cozinha, “ah, cê tá com fome?” “não, eu tô com fome, mas senta aqui na cadeira primeiro”.

Aí ela sentou, eu falei “olha, eu tomei meu banho, me desestressei,

agora vô conversar com você”. Aí a gente conversou, né, todas as coisas, o que aconteceu, expliquei pra ela meu ponto de vista, falei que ela tinha me chamado de louco, que eu fiquei muito puto, e aí a gente conversou um pouco, ficou tudo bem, tudo certo. Depois... um tempo depois, eu tava conversando com a minha mãe, minha mãe foi perguntar, eu contei essa história pra ela. contei essa história pra minha mãe.... aí a minha mãe virou — que eu converso muito com a minha mãe, sô muito ligado com a minha mãe — aí minha mãe virô e falô assim: “Pedro você tem que entender.. que a Luiza, ela estava muito preocupaaada e isso veio da preocupação dela...” eu falei “na boa, véi, vai se fudê. Ninguém preocupado pergunta se você é louco não” o preocupado fala “você tá bem? Meu Deeeus, eu não imaginava que eu ia deixa você num lugar desses, desculpa!” É assim que o preocupado faz. Ele não faz assim “VOCÊ É LOUCO?!”

Se alguém preocupado me faz uma miséria dessa... bicho, no dia que a pessoa tivé preocupada comigo e perguntá se eu sou louco, eu meto a mão na cara dela. Mentira, eu não faço isso não porque eu não fiz. Aconteceu e eu não fiz. Maas, é porque eu sô froxo. Maaas, se eu fosse machão mermo, eu tinha metido a mão na cara dela.

A portrait of a woman with long dark hair, looking slightly to the left with a gentle smile. She is wearing a yellow top and a small earring. The background is a warm, golden-yellow color with a vertical rainbow stripe on the right side. The name 'Liana' is written in large white letters across the bottom right of the image.

# Liana

34 ANOS  
MÃE

## VI Liana

Bom, eu tava grávida do meu primeiro filho, aos dezoito anos e queria porque queria parto normal, minha mãe tinha tido três partos normais, eu tinha total noção de que eu poderia fazer isso e fiz ginástica pra gestante a gravidez inteira, movimentos, alongamentos, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo bonitinho; sabia exatamente o que ia acontecer. Eu tava.... bem preparada.

Já tinha chegado as quarenta semanas e todo mundo dizia que precisava caminhar. Caminhar pra entrar em trabalho de parto. Então, deu quarenta semanas e pouco – eu morava na 308 Sul – eu e meu marido, a gente resolveu fazer caminhada. No final da tarde.

Então a gente saiu da oito, foi até a dois sul, depois a gente voltou, foi até a dezesseis. E a gente tava voltando pra oito quando eu comecei a sentir as dores. Do trabalho de parto.

Então começou mais ou menos no final da tarde.

Voltei pro apartamento, aí cê cronometra as contrações, aí liga pra médica e tava tudo caminhando direitinho, tudo certo. Perto de onze, dez e meia, já não lembro direito o horário, a gente falou “Então, vamo pro hospital?” e a gente foi pro Hospital Brasília, onde a minha médica, na época, atendia e tava tudo certo, nossa, me sentindo super bem, tava preparada e tal. Aí ela fez o exame de



toque, né, que é o que mede o tamanho da dilatação que você tem. Aí ela disse “Olha, você tá com zero dilatação. Vamo vê o batimento cardíaco”.

A gente viu o batimento cardíaco do bebê, aparentemente a gente achava que tava normal né, a gente acompanhou o pré-natal inteiro, a gente sabia mais ou menos como é que era. Só que ela disse “Olha, ele tá em sofrimento fetal, não é possível, ele não vai conseguir esperar você ter toda dilatação pra ter um parto normal”.

Aí desesperei, né! Primeiro filho, que que cê faz? Que que cê não faz.... Eu ia falar que não? “Eu acho que ele tá bem, vamo continuar”? Foi uma decisão muito difícil, mas ela tava com uma outra gestante no mesmo hospital, ela falou “Olha, pera aí um pouquinho, vou te dar mais um tempo, vou olhar a outra gestante.”.

Aí eu fiz todos os exercícios de novo, agachamento e rebola e desce e vai, respira, cachorrinho e (imitou a respiração acelerada de grávidas), sei lá o que, vem, anda, caminha, tralalá e quando ela voltou, ela viu que já tava com um pouco de dilatação, já tinha chegado a quase cinco, aí ela “Nossa, que bom, mudou, ele tá bem” Assim, o batimento tá um pouco alterado, mas ela disse que dava pra esperar.

Fiz todos os exercícios de novo – caminhava, agachava, levantava, rebola, tananá, acabou que a outra gestante que a médica tava no hospital fez uma cesárea, o que deixou ela mais tranquila, né, tinha mais tempo e ficou com a gente e no final eu acabei atingindo os dez de dilatação e consegui fazer um parto normal do meu primeiro filho. Foi a experiência mais fantástica da minha vida.

Ele nasceu super bem, o batimento nem tava tão ruim assim, nasceu com apgar 10, não fiz corte, não fiz nada. Foi tudo de bom. Dei graças a Deus que tinha uma outra gestante no mesmo hospital e que ela pode dividir a atenção. Me deu mais tempo pra ter dilatação. Taqui, meu filho completa quinze anos dia dezesseis de outubro e foi uma das experiências mais marcantes da minha vida.





# Maria Cecília

24 ANOS

ESTUDANTE DE PSICOLÓGIA (não sou psicóloga por causa da greve)



## VII Maria Cecília

Eu fui pro Rio de Janeiro passar um carnaval e fui com minhas tias de 80 anos de idade, chegando lá, descobri que meus primos aqui de Brasília iam passar o carnaval lá também e as tias viajaram pro interior e eu decidi que eu não ia pro interior, eu queria ficar no Rio e aí meus primos todos fora e tals, com um monte de amigos daqui de Brasília e aí teve um dia que, tipo, a galera resolveu sair e eles eram mais velhos que eu e meu primo, que é mais novo que eu, tipo falou “Ah não, eu saio contigo”, aí beleza, a gente saiu, a gente começou a rodar o Rio de Janeiro no carnaval, os dois com plaquinha “Buzine se você gosta de sexo” e a gente começou a mostrar essa plaquinha pra todo mundo; mostrou pro metrô, o metrô buzinou pra gente, e aí a gente foi parar no Botafogo, a gente foi no Botafogo daí, chegou lá, a gente tava tomando Camelbak, vinho, e aí a gente tava bêbado pra caralho, aí meu primo falou, tipo “Ah, bora fazer um desafio” e eu tinha uma guria dando em cima de mim, ele falou “Ficar com essa guria é o seu desafio”, aí ele não sabia que eu era sapatão, eu falei “Beleza, eu aceito o seu desafio. Claro que eu vou pegar uma guria só pra te provar que eu consigo. Não que eu pegue gurias o tempo todo!” (Risos) E aí eu comecei a pegar a guria e aí ela foi pra Lapa aí a gente tava, tava eu, meu primo, um amigo

dele, todo mundo muito bêbado “Não, vamo pra Lapa” aí a gente foi pra Lapa. Chegou na Lapa, a gente ficou lá, bebeu um pouquinho e ela falou “Não, você vai ter que dormir comigo essa noite”. Eu falei “Porra, né, eu não vou dormir contigo essa noite” e ela “Ah, não, eu moro em Niterói” – eu tava ficando em Copacabana – e eu fui pra Niterói, porque eu tava muito louca, véi. E tipo assim, meu primo tinha me dado o aval de pegar gurias na frente dele, então... ah velho, que se foda. Eu fui pra Niterói. Eu, meu primo e a guria, tá ligada, de buzum, sei lá, duas da manhã, três da manhã e a gente foi pra Niterói. Aí chegou lá em Niterói, a gente foi pra casa da garota, aí quando eu cheguei na casa da garota, abri minha mochila e vi que tinham roubado meu celular. Não sei aonde, provavelmente na Lapa, e aí eu dormi com a garota em Niterói, tá ligada, transei com ela, meu piercing ficou preso no piercing dela durante o sexo, era tipo, uma caminhoneirazooona, tá ligada e meu primo no quarto do lado. Aí deu tipo, sei lá, seis da manhã, eu levantei assim da cama “Não, tenho que ir embora”, chamei meu primo, meu primo olhou assim pro relógio “Tava esperando só você terminar de foder”, sacou?

E aí saí, eu e meu primo, sem falar nada, pegamos o ônibus de volta pro Rio, pra Copacabana, sacou, e ele falou “Pô, não conte pra ninguém que a gente fez isso hoje, que a gente foi pra Niterói no meio da noite, bêbado” e eu falei “Por favor, não conte pra ninguém que a gente foi pra Niterói, ainda mais, tipo, pra eu fazer um sexo casual e te levei junto” ele era menor de idade. E aí pronto, de boa, a gente chegou em casa, ninguém tinha acordado ainda. A gente tomou café na padaria, chegou em casa, dormiu e aí tipo, a galera “Ah, cês tão aí” “É, a gente chegou meio tarde, mas já dormiu e acordou”, e aí pronto, ninguém percebeu que a gente tinha ido pra Niterói.



A young woman with dark, curly hair is shown in profile, blowing a cloud of smoke from her mouth. She is wearing a white lace-trimmed top. The background is a forest with tall trees. In the distance, a group of people are gathered, some sitting on a red bench. A red brick structure with graffiti is visible on the left.

# Regina

22 ANOS

PROFESSORA DE PORTUGUÊS

## VIII Regina

Aos 12 anos, brincando de gangorra, eu me machuquei muito feio. Meu irmão bateu a gangorra no chão e eu bati a cabeça na gangorra. E eu abri o supercílio. Aqui mesmo no parque da cidade.

Tinha um bombeiro, por sorte, no parque e ele enfaixou a minha cabeça na hora e daí a gente foi pro hospital e eu fui aqui no meu pai, na... (apontando para os ombros) eu não sei como chama isso. Na... garupa! Na garupa do meu pai até o Hospital de Base, a gente desceu daqui a pé e eu costurei o supercílio. E foram 14 pontos e na época isso era muita coisa, porque eu rasguei por dentro e por fora. E foi o dia mais divertido da minha vida! Porque eu me senti super aventureira e, quando eu tava me recuperando, o meu pai cantava a música da Marvel “Eu sou um super-herói do clube Márvel” pra eu me sentir uma heroína e como se eu tivesse vencido uma batalha. E essa é a história. A história mais divertida da minha vida.